



Victor Hugo Mazia¹

Nietzsche e a sua leitura ambígua sobre *O nascimento da tragédia*²

Resumo: sabe-se que, em 1886, Nietzsche escreve novos prefácios aos seus antigos livros, avaliando e repensando as suas próprias ideias. Os livros que recebem novos prefácios são: *O Nascimento da tragédia*; *Humano, demasiado humano* (livro I e II); *Aurora*; *A Gaia Ciência*. Este artigo tem como objetivo central apresentar, com base no prefácio *Tentativa de autocrítica* (1886), a ambiguidade de *O nascimento da tragédia* (1872). A nosso ver, Nietzsche mostra, em seu tardio prefácio, como *O nascimento da tragédia* se posiciona para a superação da metafísica, mas como o livro parece, ao mesmo tempo, dar continuidade a mesma. Portanto, a metafísica de artista, conceito basilar de *O nascimento da tragédia*, romperia com a interpretação moral da existência, promovendo, a partir do vir-a-ser, uma justificação estética do mundo, mas, simultaneamente, ela também parece ser uma continuação da tradição metafísica tão criticada, tornando-se ambígua.

Palavras-chave: ambiguidade; metafísica; romantismo; moral; vir-a-ser.

Abstract: It is known that in 1886 Nietzsche writes new prefaces to his old books, evaluating and rethinking his ideas. Books that receive new prefaces are: *The Birth of tragedy*; *Human, all too human* (books I and II); *Daybreak*; *Gay Science*. This article has as main objective to present the ambiguity of *The Birth of the tragedy* (1872), based on the preface *Self-Critical Test* (1886). In our view, Nietzsche shows, in his late preface, how *The Birth of tragedy* stands for the overcoming of metaphysics, but how the book seems, at the same time, to continue the same. Therefore, the artist metaphysics, Basilar concept of *The Birth of tragedy*, breaks with the moral interpretation of existence, promoting, from the becoming, an aesthetic justification of the world, but, simultaneously, it also seems to be a continuation of the metaphysical tradition so criticized, becoming ambiguous.

Keywords: ambiguity; metaphysics; romanticism; moral; becoming.

¹ Mestre pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail para contato: victormazia@gmail.com .

² Dedico este artigo ao Professor Wilson Antonio Frezzatti Júnior, amigo e grande inspirador na pesquisa sobre Nietzsche.

Considerações iniciais

Em *Tentativa de Autocrítica*, do ano de 1886, Nietzsche reavalia as teses de *O Nascimento da tragédia*. Vale lembrar que, entre a publicação de *O nascimento da tragédia*, em 1872, e a sua reedição com o novo prefácio, em 1886, encontra-se um intervalo de 14 anos³, período em que houve muitas mudanças na filosofia de Nietzsche. Isso significa que, 14 anos depois, Nietzsche escreve um prefácio para o seu livro de juventude, mas agora com outros olhares e com outras concepções filosóficas, tornando *O nascimento da tragédia* passível de muitas críticas.

Deve-se perguntar, com isso, se Nietzsche teria apresentado apenas críticas e reprovações ao seu livro de juventude ou se o filósofo, porventura, encontrou ideias condizentes ao seu novo olhar. Será que Nietzsche teria apenas renegado a sua obra de juventude nesse novo prefácio? O que se pode concluir dessa “autocrítica” feita ao *O nascimento da tragédia*? E, por fim, haveria alguma compatibilidade ou coincidência entre as ideias presentes em *O nascimento da tragédia* e o Nietzsche de 1886?

Para respondermos tais questionamentos, nós apresentaremos de maneira geral as ideias de *O nascimento da tragédia* para, em seguida, analisar os prefácios de 1886, com especial ênfase no prefácio *Tentativa de autocrítica*⁴. Daí compararemos as teses de juventude do filósofo com suas ideias da maturidade e, diante disso, pretendemos entender um pouco melhor a visão de Nietzsche sobre o seu livro de juventude. A nosso ver, Nietzsche faz aprovações e reprovações ao seu livro de juventude, conferindo um caráter ambíguo às teses de *O nascimento da tragédia*.

O nascimento da tragédia

Em *O Nascimento da tragédia*, Nietzsche apresenta o surgimento da arte trágica, seus motores e o seu declínio. Os impulsos (apolíneo e dionisíaco) promovem uma arte tal, capaz de justificar a existência. Essa arte trágica fornece uma ilusão

³ Nietzsche diz que o intervalo de tempo entre *O Nascimento da tragédia* e o seu novo prefácio é de 16 anos (cf. GT/NT tentativa de autocrítica, §1). Entretanto, com base nos anos das publicações dos textos (1872 e 1886), nós manteremos a ideia de um intervalo de 14 anos entre os escritos.

⁴ Henry Burnett também se concentra nos prefácios de 1886, examinando o lugar e o espaço que esses prefácios ocupam na obra nietzschiana (cf. BURNETT, 2008), (cf. BURNETT, 2000). Nós nos concentraremos, no entanto, no prefácio *Tentativa de Autocrítica*, visto que *O Nascimento da tragédia* ocupa um espaço central nas reflexões deste artigo, sem deixar, porém, de passar pelos outros prefácios do mesmo ano em questão.

estética do mundo, incitando o homem a se manter em sua individualidade e, ao mesmo tempo, não temer o seu aniquilamento.

De acordo com Nietzsche, o homem grego estava suscetível ao pessimismo, beirando ao auto-aniquilamento. O filólogo explica:

[o homem grego] apto ao mais terno e mais terrível sofrimento, ele que mirou com olhar cortante bem no meio da terrível ação destruidora da assim chamada história universal, assim como da crueldade da natureza, e que corre o risco de ansiar por uma negação budista do querer (GT/NT §7).

O homem grego contemplou aquilo que é mais desprezível na natureza, ele fez um “relance interior na horrenda verdade” (GT/NT §7). Ele mirou exatamente naquilo que promove o pessimismo: “na consciência da verdade uma vez contemplada, o homem vê agora, por toda a parte, apenas o aspecto horroroso e absurdo do ser, (...) isso os enoja” (GT/NT §7). Frente ao conhecimento do fundo caótico e pleno de contradição da natureza, o grego corre o risco de se precipitar no nojo pela existência, de cair em uma “negação budista do querer”.

E qual foi a solução que o homem grego encontrou para se salvar desse pessimismo? Como a vida plena de contradição pode ser re-significada em algo possível de se vivenciar?

Conforme Nietzsche, a arte trágica salvou o grego do pessimismo: “e ele é salvo pela arte; e através da arte salva-se nele – a vida” (GT/NT §7). A arte trágica, tonificante dos gregos, surgiu pela conjugação entre o impulso apolíneo e o impulso dionisíaco. Por um lado, o impulso apolíneo é responsável por produzir a bela aparência, toda medida, toda arte plástica. Por outro lado, o impulso dionisíaco é responsável por toda arte não-figurada, como a música (cf. GT/NT §1-3). Esses dois impulsos se encontram conjugados na tragédia grega, levando o homem a distorcer o “verdadeiramente existente” (*Wahrhaft Seiende*) através da bela aparência apolínea e, ao mesmo tempo, experimentar o retorno ao Uno-primordial através da embriaguez dionisíaca.

Na arte trágica, o conhecimento sobre o aniquilamento da individuação é transmitido por meio do embelezamento apolíneo, promovendo no homem grego um gosto pela vida. Como Nietzsche explica: “ele compartilha com a esfera da arte apolínea o inteiro prazer na aparência e na visão e, simultaneamente, nega tal prazer

e sente um prazer ainda mais alto no aniquilamento do mundo da aparência visível” (GT/NT §24).

Portanto, a arte trágica oferece uma ilusão sobre o mundo que vai em duas direções: por um lado, em função do impulso apolíneo, o homem tem prazer na manutenção de sua individuação, mas, por outro lado, em função do impulso dionisíaco, o homem se sente pertencente a algo maior, não temendo o seu aniquilamento e o retorno ao Uno-primordial. Por isso, criação e destruição se conjugam, possibilitando o homem a sentir prazer no vir-a-ser.

Enfim, Nietzsche defende, em *O nascimento da tragédia*, uma percepção estética do mundo: “pois somente como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente” (GT/NT §5). O livro de juventude do filósofo da Basileia não oferece um ensinamento ou uma doutrina moral sobre a vida, mas uma ilusão propriamente estética, auxiliando o homem a se alegrar no vir-a-ser. Por isso, *O nascimento da tragédia* justifica a existência a partir de uma visão estética do mundo, em que criação e destruição de perspectivas não são alvos da censura moral, mas são apenas fenômenos estéticos. Nesse caso, Nietzsche considera *O Nascimento da tragédia* “antipessimista: a saber, no sentido que ensina algo que é mais forte do que o pessimismo, que é mais divino do que a ‘verdade’: a arte” (FP 14 [21] início de 1888).

Os prefácios de 1886

Assim sendo, tendo em vista as considerações sobre *O nascimento da tragédia*, cumpre examinar o prefácio *Tentativa de autocrítica*, ressaltando a visão que, 14 anos depois, Nietzsche teria de sua obra de juventude. Além disso, nós também incluiremos, como forma de articulação, os demais escritos de Nietzsche, como os prefácios de 1886 e *Ecce Homo*, que revelam importantes considerações sobre *O nascimento da tragédia*.⁵

Com isso, deve-se questionar se *O nascimento da tragédia* está, aos olhos do Nietzsche maduro, alinhado com as novas concepções filosóficas, como, por exemplo, a superação do niilismo, a vontade de potência, a transvaloração de todos os valores, entre outros. Seria *O nascimento da tragédia* uma obra renegada por Nietzsche? Ou o

⁵ É importante ressaltar que, a nosso ver, os prefácios de 1886 não devem ser tratados isoladamente, mas no conjunto da obra nietzschiana. Por isso, a importância de *Ecce Homo* e de outros escritos de Nietzsche. Márcio José Silveira Lima, em sua introdução de *As máscaras de Dioniso*, expôs a importância de não considerar os prefácios isoladamente (cf. LIMA, 2006, p. 13-36).

livro conteria aspectos elogiáveis ao Nietzsche de 1886? Por fim, será que esse livro teria algo de próximo às teses da filosofia madura de Nietzsche?

Inicialmente, nós nos concentraremos exclusivamente nos elogios que Nietzsche endereça, 14 anos mais tarde, a *O nascimento da tragédia*. Ao que tudo indica, esses elogios alcançam três esferas diferentes: características formais do livro, o conteúdo do livro e a recepção da obra. Com os elogios, nós acreditamos poder aproximar, em certa medida, *O nascimento da tragédia* com a filosofia tardia de Nietzsche, pois parece haver, no livro de juventude do filósofo, certas concepções bastante próximas ao seu pensamento da maturidade.

Concernente às características formais da obra, Nietzsche enaltece, em primeiro lugar, a postura corajosa em suspeitar de valores nunca antes questionados. *O nascimento da tragédia* possui, segundo Nietzsche, uma postura crítica e de desconfiança, que confere um estilo elogiável. Por isso, Nietzsche diz: “Mas o livro que extravasava a minha coragem e a minha suspeita (*Argwohn*) juvenis – que livro impossível teria de brotar de uma tarefa tão contrária a juventude!” (GT/NT tentativa de autocrítica, §2).

No prefácio a *Humano, demasiado humano* (livro I), de 1886, o filósofo parece manter essa postura de suspeita dos valores vigentes. Nietzsche diz: “De fato, eu mesmo não acredito que alguém, alguma vez, tenha olhado para o mundo com mais profunda suspeita” (MA I/HH I, “prefácio”, §1). A postura de suspeitar dos valores da tradição parece ser, ao que tudo indica, uma constante na obra nietzschiana, iniciada já em *O nascimento da tragédia*.

Ademais, Nietzsche não parece apenas se preocupar em suspeitar dos valores habituais, mas se colocar para uma superação dos mesmos. Sobre isso, Nietzsche nos informa:

Já me disseram com frequência, e sempre com enorme surpresa, que uma coisa une e distingue todos os meus livros, de *O Nascimento da tragédia* ao recém-publicado *Prelúdio a uma filosofia do futuro*: todos eles contém, assim afirmaram, laços e redes para pássaros descuidados, e quase um incitamento, constante e nem sempre notado, a inversão (*Umkehrung*) dos valores habituais e dos hábitos valorizados (MA I/HH I, “prefácio”, §1).

Nesse sentido, *O nascimento da tragédia* não possui apenas uma postura de suspeita, mas já se posiciona para uma superação dos valores. Nietzsche confirma tal

postura: “os meus escritos falam apenas de minhas superações” (VM/OS, “prefácio”, §1). O filósofo também adverte que devemos “falar apenas daquilo que superamos” (VM/OS, “prefácio”, §1). Isso indica como os escritos de Nietzsche possuem uma postura de constante suspeita e superação, inclusive *O nascimento da tragédia*.

Mas, se assim for, qual seria a tarefa de *O nascimento da tragédia*, que demandaria tanta coragem? O que exatamente o filósofo teria posto em suspeita? A superação empreendida em *O nascimento da tragédia* estaria relacionada a quê exatamente?

Para Nietzsche, o seu “livro de primícias” foi o primeiro a olhar com desconfiança para a ciência, revelando uma postura de suspeita quanto ao mundo. Os valores da ciência foram tomados, naquela ocasião, como questionáveis e como problemáticos. Nietzsche diz acerca de sua tarefa: “O que consegui então apreender (...): hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §2).

Naquela época, a postura do filósofo consistia, basicamente, em extravasar grande coragem para suspeitar dos valores da ciência, conferindo um formato crítico ao conteúdo de seu livro, característica que é, para Nietzsche, digno de elogio.

Mas será que esse estilo crítico relativo ao conhecimento dogmático seria a única característica digna de elogio? Não haveria nenhuma outra característica formal a ser destacado?

Como se já não bastasse, Nietzsche engrandece outra particularidade de *O nascimento da tragédia*. Nesse sentido, o livro de juventude do filósofo teria a arte como fio condutor de suas análises. O procedimento adotado em seu livro, e que merece destaque, consiste em avaliar a ciência a partir dos valores da arte. Para o filósofo, o seu livro de juventude “ousou, pela primeira vez aproximar-se – ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §2). Nesse pano de fundo, *O nascimento da tragédia* foi inteiramente “colocado sobre o terreno da arte – pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §2).

Em vista dessas considerações, nós talvez possamos concluir que, no tocante ao elogio sobre o estilo do livro, *O nascimento da tragédia* já parece ter conquistado um formato crítico à metafísica. Com a postura de suspeita e com os valores estéticos,

o filósofo imprimiu um estilo em sua obra mais próximo do vir-a-ser, formato este que forneceu traços bastante próprios ao conteúdo de seu livro.

Em primeiro lugar, a forma com que o seu livro de juventude suspeita dos valores da ciência revela uma contraposição ao conhecimento dogmático, propriamente metafísico. Ao assumir uma postura crítica e questionadora dos valores vigentes, Nietzsche confere ao seu livro de juventude um estilo específico, em que o conteúdo sempre está ajustado e alinhado com a característica da suspeita.

Em segundo lugar, o procedimento adotado no livro, o qual consiste em avaliar os valores da ciência sob o terreno da arte, destitui a verdade metafísica de sua pretensão universal. Com essa forma de procedimento, o livro estabelece um padrão de superação da metafísica dogmática, conferindo às ideias do livro um estilo quase que anti-metafísico. Ou seja, a arte como pano de fundo confere ao conteúdo de *O nascimento da tragédia* um tom mais próximo do vir-a-ser e daquilo que Nietzsche entende, em sua filosofia madura, por perspectivismo.

O perspectivismo possui um significado próprio na filosofia nietzschiana. Com base na teoria da vontade de potência (*Wille zur Macht*), os impulsos se agregam e se desagregam em um fluxo constante, formando todo o real. E, visto que esses impulsos interpretam, as diferentes configurações hierárquicas dos impulsos produzem interpretações diferentes, denominando-as de perspectivas.

Por isso, “cada impulso é uma espécie de despotismo, cada um tem sua perspectiva que ele gostaria de impor como norma a todos os outros impulsos” (FP 7 [60] final de 1886/primavera de 1887). E se nós somos formados e somos resultados de impulsos que interpretam, então nós não poderíamos falar da verdade no mesmo sentido da tradição metafísica, pois “são nossas necessidades que interpretam o mundo, nossos impulsos e seus prós e contra” (FP 7 [60] final de 1886/primavera de 1887).

O mundo é uma relação de impulsos que interpretam, por isso não há uma verdade universal escondida por detrás da natureza, mas apenas múltiplas perspectivas. Nessa acepção, o mundo “não possui nenhum sentido por detrás de si, mas infinitos sentidos: ‘perspectivismos’”, resultando na assertiva de que “não há fatos, somente interpretações” (FP 7 [60] final de 1886/primavera de 1887).

Essa relação entre perspectivismo e vontade de potência é tão próxima, que o aumento da vontade de potência culmina em um aumento de perspectivas, ou melhor, “que toda intensificação e ampliação da potência alcançadas abrem novas

perspectivas e conclamam a que se acredite em novos horizontes” (FP 2 [108] do outono de 1885/outono de 1886).

Portanto, “ao reconhecer apenas valores estéticos”, *O nascimento da tragédia* se afasta da tradição metafísica, de verdade dogmática e pretensamente universal, se aproximando mais do perspectivismo. *O nascimento da tragédia* toma a arte como fio condutor e, com isso, já apresenta uma visão metafisicamente desinflacionada, mais próxima de concepções da filosofia tardia de Nietzsche.

Por fim, com essa postura de suspeita dos valores vigentes e da tomada dos valores da arte como ponto de partida, o livro parece ganhar um formato propriamente distante da tradição metafísica. Com a suspeita e com a tomada da arte como pano de fundo, *O nascimento da tragédia* ganha um estilo próprio, enquadrando e elevando o seu conteúdo para longe da verdade metafísica.

Não obstante, além de todas essas referências elogiosas acerca de *O nascimento da tragédia*, envolvendo os aspectos formais do livro, Nietzsche também inclui boas características ao conteúdo, fazendo menção à independência das suas ideias em relação ao contexto da época. Para o filósofo de *Assim falava Zaratustra*, a sua obra “das primícias” não estava vinculada ou comprometida com ideias de outros pensadores, nem mesmo com as do músico Richard Wagner ou com as do filósofo Arthur Schopenhauer, como poderia ser suposto. Pelo contrário, a obra, na visão de Nietzsche, é “independente, obstinadamente autônoma, mesmo lá onde parece dobrar-se a uma autoridade e a uma devoção própria” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §2). Mas será que *O nascimento da tragédia* não teria sofrido as suas influências? Será que poderíamos acreditar que a obra é, de fato, independente e obstinadamente autônoma?

Contrário ao testemunho de Nietzsche, Schopenhauer, Wagner e grande parte da tradição filosófica parecem estar presentes, em certa medida, em *O Nascimento da tragédia*. Tanto que a fortuna crítica sobre *O nascimento da tragédia* também apresenta vários trabalhos envolvendo Nietzsche, Wagner, Schopenhauer e outros pensadores.

Por exemplo, a respeito das relações entre o conteúdo de *O nascimento da tragédia* e a filosofia de Schopenhauer: (DIAS, 1997). Sobre as relações entre o conteúdo de *O nascimento da tragédia* e a arte de Wagner: (TELLES, 2007) e (ANTUNES, 2008). Sobre as afinidades entre o conteúdo de *O nascimento da tragédia*

e a filosofia da arte de Schelling: (MAZIA, 2015). Como entender o testemunho do filósofo sobre a independência do seu livro?

Em *Ecce Homo*, o assunto é retomado e esclarecido. Em primeiro lugar, Wagner foi tomado erroneamente por Nietzsche naquela época, pois o filósofo tratou o músico como se fosse um sintoma de ascensão da cultura trágica, enquanto que a música de Wagner não era isso (cf. EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §1). E esse engano tem uma explicação: “o que eu ouvi na música wagneriana, quando jovem, nada tem haver em absoluto com Wagner” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §3). Nietzsche não teria ouvido a música de Wagner, mas uma música dionisiaca: “que eu, instintivamente, tudo traduzia e transfigurava no novo espírito que trazia em mim” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §3). E a respeito de *Wagner em Bayreuth*, outro livro de juventude, que “em todas as passagens de relevância psicológica é de mim somente que se trata – pode-se tranquilamente colocar meu nome ou ‘Zaratustra’ onde no texto há o nome de Wagner” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §3).

Portanto, nessa primeira relação, *O nascimento da tragédia* não teria teses propriamente wagnerianas, mas dionisiacas. A música wagneriana foi entendida como uma arte realmente grega, mas tal interpretação teria mais haver com o olhar do filósofo do que com o próprio Wagner. Isso torna o livro de juventude de Nietzsche uma obra “independente e obstinadamente autônoma”.

Em segundo lugar, o livro de juventude do filósofo também não parece ser schopenhaueriano, pois ele abordou, fora da esteira de Schopenhauer, “sobre como os gregos deram conta do pessimismo – com que o superaram... A tragédia precisamente é a prova de que os gregos não foram pessimistas: Schopenhauer enganou-se aqui, como se enganou em tudo” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §1). Com isso, *O nascimento da tragédia* também não é schopenhaueriano, pois falava de algo antagônico a Schopenhauer, isto é, da superação do pessimismo.

Em linhas gerais, Nietzsche esclarece, em *Ecce Homo*, a “aparente devoção” com que o seu livro de juventude parecia se debruçar, mas que, no fundo, o livro estava longe de tais ideais. Portanto, não seria exagero considerar afirmativamente a ideia de que *O nascimento da tragédia* é uma obra “independente e obstinadamente autônoma”.

Frente a isso, após considerarmos o testemunho de Nietzsche a respeito da independência de *O nascimento da tragédia*, nós iremos investigar o olhar do filósofo sobre o conteúdo de seu livro. Qual seria a leitura que o autor dos prefácios faz sobre

o conteúdo de seu livro de juventude? Haveria algo a ser elogiado ou mesmo criticado? Cabe a nós, então, investigar o conteúdo de *O nascimento da tragédia*, ressaltando a sua autonomia em relação à tradição.

Para Nietzsche, o conteúdo de sua obra já escapava da interpretação moral da existência. Ao invés de uma doutrina moralizante, o seu livro de juventude fornece uma visão estética da vida. É o que defende Nietzsche: “Já no prefácio a Richard Wagner é a arte – e não a moral – apresentada como a atividade propriamente metafísica do homem” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5). Não é sem propósito a recorrência com que *O nascimento da tragédia* “retorna múltiplas vezes à sugestiva proposição de que a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

Em outras palavras, Nietzsche nos lembra como o prefácio a Richard Wagner, logo no início de *O nascimento da tragédia*, se compromete com uma visão estética da vida e não uma visão moral, privilegiando o vir-a-ser ao invés da metafísica. Aliás, Nietzsche também relembra como o livro defende, com certa recorrência, a “justificação estética do mundo e da existência”. De fato, *O nascimento da tragédia* contém várias passagens que contrapõe a interpretação moral da existência, fazendo uma clara apologia aos valores estéticos, propriamente perspectivistas.

Por exemplo, sobre a justificação estética e não moral do mundo: (cf. GT/NT §5, §24). Sobre os deuses olímpicos e uma religião puramente estética, desvinculada da interpretação moral da existência: (cf. GT/NT §3). E a respeito da crítica ao efeito moral da tragédia: (cf. GT/NT §22-24).

Ademais, ainda sobre a interpretação moral da existência, Nietzsche elogia um conceito chave de *O nascimento da tragédia*, a saber, a metafísica de artista. No entanto, esse elogio soa estranho aos leitores do Nietzsche crítico da metafísica: se Nietzsche é, desde 1878, um crítico e inimigo aberto da metafísica, como ele poderia agora, em 1886, elogiar um conceito propriamente metafísico? Esse elogio à metafísica de artista não soaria um tanto quanto estranho?

De acordo com Nietzsche, a metafísica de artista de *O nascimento da tragédia* merece ser elogiada porque exerce uma função “antimoral”, “extra moral”, em suma, uma função propriamente estética, mais próxima do perspectivismo do que da tradição metafísica. Ou seja, embora se trate de um conceito questionável, a metafísica de artista já anuncia, contrário ao que se poderia esperar dela, aquele que, um dia, irá contrapor-se a interpretação moral da existência: “o essencial nisso é que ela já delata

(*verrät*) um espírito que um dia, qualquer que seja o perigo, se porá contra a interpretação e a significação morais da existência” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

Concomitantemente, em *Ecce Homo*, Nietzsche diz que os valores estéticos são “os únicos valores que *O nascimento da tragédia* reconhece” (EH/EH “O nascimento da tragédia”, §1). O livro de juventude do filósofo não tem a intenção de fazer um retorno à metafísica tradicional, tampouco o livro pretende fazer uma interpretação moral da existência, mas sim o de trazer uma afirmação do vir-a-ser, fomentado por valores estéticos.

Em resumo, o mais fundamental da metafísica de artista é o de posicionar o homem para além da interpretação moral da existência, valorizando o vir-a-ser sob a máscara de um sentido estético da vida. Nietzsche diz: “Aqui se anuncia, quiçá pela primeira vez, um pessimismo ‘para além de bem e mal’” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5). A metafísica de artista não estaria vinculada ao pessimismo moralizante de Schopenhauer, tampouco ela estaria equalizada com a moralização cristã da existência. Pelo contrário, a metafísica de artista já aponta, mesmo que de maneira incipiente, “para além de bem e mal”.

Sob esse aspecto, Nietzsche parece ter colocado, com a metafísica de artista, a moral no terreno da arte, reduzindo-a em aparência, engano, erro. No final das contas, a metafísica de artista possibilitou uma afirmação do vir-a-ser, reduzindo a moral em arte. Por isso, *O nascimento da tragédia* possui uma filosofia que reduz a moral ao “mundo da aparência e não apenas entre as ‘aparências’ (*Erscheinungen*) mas entre os ‘enganos’, como aparência, ilusão, erro, interpretação, acomodamento, arte” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

De igual forma, no prefácio a *Humano, demasiado humano* (livro I), Nietzsche também irá insistir sobre a importância da superação da moralização da existência. E, nesse caso, o filósofo defende uma existência livre de pressupostos morais, pois a vida é engano e, com isso, a moral também. O filósofo diz: “Basta, eu vivo ainda; e a vida não foi inventada pela moral: ela quer engano (*Tauschung*), vive do engano...” (MA I/HH I, “prefácio”, §1).

Nesse sentido, o filósofo parece condenar a pressuposição de que a vida pode ser moralizada, pois a vida está para além da moral e não o contrário. Inclusive, ao argumentar em favor de uma vida livre de moralizações, Nietzsche diz voltar a fazer aquilo que sempre desenvolveu em seus escritos: suspeitar da moral. Ele diz: “porém,

já não é que recomeço e faço o que sempre fiz, eu como velho imoralista e passarinho —e falo imoralmente, extra-moralmente, ‘além de bem e mal’?” (MA I/HH I, “prefácio”, §1).

Em suma, ao afirmar que a “vida não foi inventada pela moral”, Nietzsche destitui toda carga moral da existência, se tornando um “imoralista”, isto é, considerando a vida “para além de bem e mal”.

No prefácio de *Aurora*, do ano de 1886, Nietzsche diz ter buscado o fundamento “subterrâneo” da tradição filosófica. O filósofo foi “um ‘ser subterrâneo’ a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa” (M/A, “prefácio”, §1). Nessa “escavação”, o objetivo de Nietzsche parece ser o de alcançar uma antiga confiança que, desde muito tempo, vinha sendo construída pela tradição filosófica: “desci a profundidade, penetrei no alicerce, comecei a investigar e a escavar uma velha confiança, sobre a qual nós, filósofos, há alguns milênios construíamos, como se fora o mais seguro fundamento” (M/A, “prefácio”, §2). Com isso, Nietzsche se lança ao fundamento subterrâneo da tradição, no qual os filósofos construíram sua confiança, a saber, confiança na moral. Por isso, ao encontrar o fundamento subterrâneo da tradição filosófica, que é a moral, Nietzsche se compromete a solapá-la: “e sempre de novo, embora todo edifício desmoronasse até hoje: eu me pus a solapar a nossa confiança na moral” (M/A, “prefácio”, §2).

No trecho acima, Nietzsche mostra os subterrâneos da tradição filosófica, em que o homem construiu sua confiança, isto é, confiança na moral. Dessa investigação, o filósofo retira a sua missão: “solapar nossa confiança na moral” (M/A, “prefácio”, §2). Com isso, *O nascimento da tragédia* parece se alinhar com o propósito de Nietzsche em “solapar a confiança na moral”, pois o livro propõe uma perspectiva “extra-moral”, propriamente estética, para além de toda moralização.

Assim sendo, além de *O nascimento da tragédia* colocar a moral no campo da arte, transformando-a em engano e erro, Nietzsche também elogia o seu livro de juventude por não se referir, em nenhum momento, ao movimento mais moralizante da Europa: o cristianismo. Esse silêncio de *O nascimento da tragédia* sobre o cristianismo confirma o compromisso de uma justificação propriamente estética da vida, calcada no perspectivismo e não na moral: “Talvez onde se possa medir melhor a profundidade desse pendor antimoral seja no precavido e hostil silêncio com que no livro inteiro se trata o cristianismo” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5). Mas por que a ausência do cristianismo em *O nascimento da tragédia* seria um sinal de que o livro não faz uma

interpretação moral da existência? Qual seria, para Nietzsche, a relação entre cristianismo e a interpretação moral do mundo?

A respeito disso, o filósofo explica: “o cristianismo como a mais extravagante figuração do tema moral que a humanidade chegou até agora a escutar” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §5). O cristianismo é, no entender de Nietzsche, o maior representante do tema moral, por isso *O nascimento da tragédia* expressa, ao deixar de fazer qualquer menção ao cristianismo, uma visão estética da existência e não moral.

De igual forma, Nietzsche reforça, em *Ecce Homo*, como o seu livro de juventude silenciou sobre a maior figuração do tema moral de sua época: “Profundo e hostil silêncio sobre o cristianismo em todo o livro” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §1). E esse silêncio é novamente justificado, visto que o cristianismo “não é apolíneo nem dionisíaco; nega todos os valores estéticos (...): o cristianismo é niilista no mais profundo sentido” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §1).

Somente a título de exemplo, nós não nos deteremos sobre a questão do ateísmo filosófico de Nietzsche, pois aqui o problema fundamental a ser perseguido não é o cristianismo em si mesmo, mas sim a carga moralizante que essa religião carrega. É claro que esse tema talvez seja importante para entender a profundidade da crítica nietzschiana ao cristianismo, mas, caso quiséssemos desenvolver o tema do ateísmo nietzschiano, nós sairíamos dos trilhos de nosso objetivo. Sem contar que o problema da interpretação moral da existência vai além do tema da religião em Nietzsche, pois, um movimento não religioso também pode difundir, assim como o cristianismo, a mesma interpretação moralizante da existência, revelando que a crítica nietzschiana ao cristianismo, pelo menos nesse prefácio de 1886, está a serviço de um projeto filosófico maior do que a crítica à religião.⁶

Entretanto, o cristianismo possui, nesse prefácio, um papel central na promoção da moralização da vida. “Na verdade, não existe contraposição maior a contraposição e justificação puramente estética do mundo”, explica o filósofo, “do que a doutrina cristã” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

Com efeito, visto que o problema do cristianismo parece se concentrar em sua moralização da vida, Nietzsche passa a fornecer algumas características do que seria a moral e, com isso, as consequências desastrosas da interpretação moral da

⁶ Para uma análise mais detida sobre a relação entre Nietzsche e o cristianismo: (cf. BARBUY, 2005).

existência: “A moral mesma – como? A moral não seria uma ‘vontade de negação da vida’, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de declínio (Verfalls), apequenamento, difamação, um começo do fim? E, por consequência, o perigo dos perigos?” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

Nessa passagem, Nietzsche considera a moral como empobrecimento, negação e aniquilamento da vida. A inovação desse exame, assegura Nietzsche, é o de considerar a moral como um sintoma da decadência: “a moral mesma como sintoma de decadência é uma inovação, uma singularidade de primeira ordem na história do conhecimento” (EH/EH, “O nascimento da tragédia”, §2).

Por isso, a importância de uma visão estética e não moral do mundo, tarefa da qual Nietzsche já encontra em *O nascimento da tragédia*. O filósofo diz: “contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contravaloração da vida, puramente artística, anticristã” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5).

Em vista disso, o filólogo da Basileia chega até mesmo batizar à “contradoutrina e contravaloração” presente em *O nascimento da tragédia*: “Como denominá-la? Na qualidade de filólogo e homem das palavras eu a batizei, (...) com um nome de um deus grego: eu a chamei dionisíaca” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §5). Contra a interpretação moral da existência, Nietzsche apresenta uma contravaloração, que insere a moral no terreno do engano, da ficção, da arte: a filosofia dionisíaca.

Pois bem, o conteúdo de *O nascimento da tragédia* merece elogios do Nietzsche de 1886, porque o livro parece ser “os primeiros passos” de um projeto filosófico que se estende até os últimos escritos do pensador alemão. Tal projeto pretende, desde a juventude do filósofo, construir uma perspectiva dionisíaca da existência, superando a moralização da vida. E *O nascimento da tragédia* parece já comportar um conteúdo propriamente dionisíaco: “Sim, o que é dionisíaco? Neste livro há uma resposta a essa pergunta – um ‘sabor’ fala aqui, o iniciado e discípulo de seu deus” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §4). É nesse espírito que Nietzsche

assevera: “*O nascimento da tragédia* foi a minha primeira transvaloração de todos os valores” (GD/CI, “O que devo aos antigos”, §5)⁷.

Em vista de tudo isso, Nietzsche não deixa de tratar sobre o assunto da recepção de sua obra. Ora, se o livro possui um conteúdo dionisíaco e um estilo crítico à metafísica tão aprovados, ele teria alcançado um público igualmente distinto? O que Nietzsche pensa, 14 anos depois, sobre os leitores de seu livro de juventude?

Sendo assim, Nietzsche parece enaltecer outra característica de *O nascimento da tragédia*, a saber, o público a quem o livro foi direcionado. Na medida em que *O nascimento da tragédia* ousa, com muita coragem, suspeitar dos valores da ciência e, com a mesma intrepidez, usar a óptica da arte como fio condutor, o filósofo da Basileia acredita ter deixado uma grande obra que, embora não fosse aceita por todos, ela seria destinada a um público especial. Quem seria esse leitor e esse público a quem o livro alcançou?

A respeito desse público, Nietzsche sugere que *O nascimento da tragédia* foi “um livro talvez para artistas dotados também de capacidades analíticas e retrospectivas (quer dizer, um tipo excepcional de artistas, que é preciso buscar e que às vezes nem sequer se gostaria de procurar...)” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §2). *O nascimento da tragédia* alcançou, em poucas palavras, um público específico, pois se trata de uma obra diferenciada, se trata, nas palavras de Nietzsche, de “um livro comprovado, quer dizer, um livro tal que, em todo caso, satisfaz ‘os melhores de seu tempo’”. Já por isso somente deveria ser tratado com certa consideração e discrição” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §2).

Finalmente, nós podemos perceber como *O nascimento da tragédia* é elogiado por Nietzsche. Como vimos, os elogios são endereçados aos elementos formais do livro, ao conteúdo e ao público a quem o livro alcançou. As características estilísticas de *O nascimento da tragédia* são marcadas por uma postura crítica, destacada pela suspeita dos valores vigentes, valorizando o vir-a-ser e se contrapondo à metafísica. O conteúdo da obra é elogiado por escapar da interpretação moral da existência, promovendo uma justificação estética do mundo e, por isso, desmoralizando o vir-a-

⁷ Em seu livro, *As máscaras de Dioniso*, M. Lima se concentra de forma mais apropriada dessa passagem. O objetivo do intérprete é o de entender *O nascimento da tragédia* no corpus filosófico nietzschiano, refletindo sobre o espaço que *O nascimento da tragédia* ocupa na obra do filósofo (cf. LIMA, 2006).

ser. Por fim, o público a quem o livro alcança também é, conforme o filósofo, distinto, “os melhores de seu tempo”.

Frente aos elogios que Nietzsche endereça ao seu livro de juventude, nós poderíamos questionar se há, de fato, algo a ser criticado ou mesmo repensado naquela obra. Após tantos elogios, haveria algo em *O nascimento da tragédia* que ainda desagradasse o Nietzsche de 1886? Quais seriam as críticas de Nietzsche ao seu livro de juventude?

A nosso ver, Nietzsche não exime *O nascimento da tragédia* de reprovações. Não é a toa que, apesar dos vários elogios ao seu livro de juventude, Nietzsche admite como “ainda assim, não quero encobrir de todo o quanto ele me parece agora desagradável, quão estranho se me apresenta agora, 16 anos depois” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §2); e acrescenta, “Dito mais uma vez, hoje ele é para mim um livro impossível” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

Por que Nietzsche teria essa má impressão de *O nascimento da tragédia*? Quais seriam as críticas que Nietzsche faz ao seu livro de juventude? Em que exatamente *O nascimento da tragédia* “traí” o pensamento filosófico do Nietzsche de 1886? *O nascimento da tragédia* estaria desalinhado com a filosofia madura de Nietzsche?

Para respondermos tais questionamentos, nós examinaremos as críticas de Nietzsche ao seu livro de juventude em duas etapas diferentes: críticas ao estilo e críticas ao conteúdo.⁸ A nosso ver, embora *O nascimento da tragédia* tenha características elogiáveis em seu estilo e em seu conteúdo, o livro também possui, por outro lado, alguns problemas nas mesmas áreas em que foi apreciado. Quais seriam, portanto, essas críticas ao estilo e ao conteúdo do livro?

Apesar dos elogios, Nietzsche não economiza palavras para desaprovar o estilo de *O nascimento da tragédia*:

Dito mais uma vez, hoje ele é para mim um livro impossível – acho-o mal escrito, pesado, penoso, frenético nas imagens e confuso nas imagens, sentimental, aqui e ali açucarado até o feminino, desigual no *Tempo*, sem vontade de limpeza lógica, muito convencido e, por isso, eximindo-se de dar demonstrações, desconfiando inclusive da conveniência do demonstrar (...) (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

⁸ Tomaremos a mesma estratégia de Roberto Machado ao analisar as críticas de Nietzsche ao *O nascimento da tragédia*, dividindo o exame em crítica ao conteúdo e crítica ao estilo (cf. MACHADO, 2001, p. 14-18).

Dessas referências que Nietzsche faz ao seu livro de juventude, nós podemos perceber que praticamente todas as desaprovações estão voltadas para características estilísticas. Por exemplo, as ideias do livro estão dispostas de uma forma desordenada (“desigual no Tempo”); ocasionando em uma falta de coesão entre os argumentos e explicações (“sem vontade de limpeza lógica”); disso resulta em uma confusão nas imagens (“confuso nas imagens”); em suma, as ideias do livro não estão bem expressas, contribuindo para a conclusão de Nietzsche: “acho-o mal escrito” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

Ao que tudo indica, esses problemas formais de *O nascimento da tragédia* ofuscou um dos temas centrais do livro: o dionisíaco. O tema do dionisíaco se tornou mais um enigma e uma interrogação no livro do que uma certeza. Para Nietzsche, *O nascimento da tragédia* possuía “um espírito com estranhas necessidades ainda inominadas, uma memória regurgitante de perguntas, experiências e coisas ocultas cuja margem estava escrita o nome de Dioniso mais como um ponto de interrogação” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

Com efeito, diante de tantos problemas formais elencados por Nietzsche, o filósofo ainda ressalta um problema mais grave: a linguagem utilizada na obra. Para o filósofo, o conteúdo dionisíaco tematizado em *O Nascimento da tragédia* parece ter sido expresso por uma “voz estranha”: “aqui falava (...) uma espécie de alma mística e quase menádica, que, de maneira arbitrária e com esforço, quase indecisa sobre se queria comunicar-se ou esconder-se, como que balbuciava em uma língua estranha” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

Aliás, diga-se de passagem, Assim falava Zaratustra foi escrito entre 1883 e 1885, anos antes dos prefácios de 1886, e lá o filósofo apresenta um conteúdo propriamente dionisíaco (como a vontade de potência e o eterno retorno) com uma linguagem musical, mantendo tanto conteúdo quanto estilo em um mesmo padrão. Em Assim falava Zaratustra, a forma de expressão do conteúdo dionisíaco está para além do racionalismo socrático, propriamente metafísico, privilegiando a imagem, a metáfora, o canto. Por isso, Nietzsche se lamenta por não ter feito o mesmo em seu livro de juventude: “Ela devia cantar, essa ‘nova alma’ – e não falar! É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3).

Em outro lugar, o filósofo transparece o seu desejo de usar uma forma de expressão própria para transmitir o seu conteúdo: “Quanto lamento agora que não

tivesse então a coragem de permitir-me, em todos os sentidos, também uma linguagem própria para intuições e atrevimentos tão próprios” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §6).

Mas, afinal, por que seria preciso “cantar” ao invés de “falar”? Por que a linguagem de *O nascimento da tragédia* é repensada?

Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche denuncia o saber racional, iniciado por Sócrates. Conforme o professor da Basileia, a ilusão metafísica que a sabedoria trágica transmitia foi destruída pelo saber científico-socrático, fornecendo agora uma ilusão otimista sobre a existência e destituindo tudo aquilo que é impulsional, instintivo, inconsciente. A razão dialética se infiltrou no teatro trágico, retirando o coro e todo elemento musical para manter apenas o diálogo, a razão e a crença na causalidade (GT/NT §11-16). Em suma, um dos principais objetivos de *O nascimento da tragédia* é o de denunciar aquela razão dialética promovida por Sócrates, que destruiu o saber trágico.

Entretanto, Nietzsche parece perceber que, embora o seu livro de juventude queira defender uma sabedoria trágica e denunciar o “socratismo estético”, ele o faz de uma forma ambígua. Ou seja, *O nascimento da tragédia* se utiliza de uma forma de expressão racional, com proposições formais, para criticar uma sabedoria também racional. A ambiguidade do estilo de *O nascimento da tragédia* parece consistir na linguagem lógico-científica que a obra lança mão para denunciar a mesma sabedoria racional.

Por isso, “ela devia cantar, essa nova alma – e não falar!” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3). Talvez a linguagem mais adequada para expressar o conteúdo de *O Nascimento da tragédia* fosse a linguagem poética, mais metafórica e menos conceitual, mais imagética e menos racional, talvez como em *Assim falava Zaratustra*: “É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer: talvez eu pudesse fazê-lo!” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §3). Portanto, o estilo de *O nascimento da tragédia* é visto agora, pelo Nietzsche de 1886, como problemático, pois possui uma linguagem propriamente socrática para expressar um conteúdo dionisíaco.

Contudo, será que o conteúdo de *O nascimento da tragédia* também não teria problemas? Será que apenas o estilo estaria comprometido? Caso haja problemas no conteúdo do livro, quais seriam?

É certo que Nietzsche desaprova algumas características do conteúdo da sua “obra das primícias”. Em primeiro lugar, o filósofo alemão se lamenta por ter tentado “exprimir penosamente, com fórmulas schopenhauerianas e kantianas, estranhas e novas valorações, que iam desde a base contra o espírito de Kant e Schopenhauer” (GT/NT “Tentativa de autocrítica”, §6). A primeira vista, o conteúdo de *O nascimento da tragédia* parece conter “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, ainda que os valores expressos no livro sejam contrários aos valores desses filósofos, indicando uma desarmonia no conteúdo. Mas por que Kant e Schopenhauer teriam valores diferentes das valorações de *O nascimento da tragédia*?

Posteriormente ao *O nascimento da tragédia*, Nietzsche passa a criticar a ideia dicotômica do mundo, a qual o filósofo denomina metafísica. Nesse caso, Nietzsche passa a empreender um árduo projeto de superação da metafísica, rompendo com noções tipicamente platônicas (sensível/inteligível), kantianas (coisa-em-si/fenômeno) e schopenhauerianas (Vontade/Representação). Aliás, a dualidade de opostos já foi, de certa maneira, descreditada em *O nascimento da tragédia*, ao questionar a filosofia socrática e platônica. Porém, embora a filosofia de Platão fosse criticada em *O nascimento da tragédia*, delatando a divisão de mundos, também parece ser possível encontrar uma espécie de “metafísica” em *O nascimento da tragédia*, especialmente na relação entre os conceitos apolíneo, dionisíaco e Uno-primordial, tornando o livro um herdeiro da metafísica repudiada.

Entretanto, em *A gaia ciência* (1882), dez anos depois da publicação de *O nascimento da tragédia*, nós encontramos duas seções que revelam o quanto Nietzsche se afasta da dualidade metafísica: §54 e §107. Nessas duas seções, Nietzsche não considera a dualidade essência/aparência, mas descreve um mundo encerrado apenas no engano. A seção 54 leva o sugestivo título: “a consciência da aparência”; abrindo uma explícita polêmica com a metafísica.

Para Nietzsche, a aparência “não é o oposto de alguma essência” (FW/GC §54). Tampouco a aparência seria uma máscara que vela o mundo da essência: “não é uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um desconhecido X e depois retirar!” (FW/GC §54). Para Nietzsche, tudo é aparência, engano, sonho. Toda perspectiva e conhecimento é aparência, toda perspectiva sobre o mundo é um sonho e todos somos contínuos sonhadores, “tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais” (FW/GC §54).

Em *A gaia ciência*, Nietzsche rompe com a dualidade aparência/essência, destituindo a possibilidade da aparência ser uma espécie de “bela máscara” da realidade, se opondo, portanto, com aquilo que talvez seja possível encontrar em *O nascimento da tragédia*, isto é, uma realidade dividida em mundo da bela aparência apolínea e fundo caótico do Uno-primordial, sugerindo ser uma divisão metafísica de mundos. Com a seção 54 de *A gaia ciência*, nós podemos notar a mudança de perspectiva do filósofo, pois agora ele abandona aquela suposta relação essência/aparência que talvez esteja presente em seu livro de juventude.

De semelhante modo, na seção 107 da mesma obra, Nietzsche defende que a perspectiva do mundo como engano é necessária para a própria vida. Ele diz: “se nós não tivéssemos aprovado as artes e inventado essa espécie de culto do não verdadeiro, a percepção da inverdade e da mendacidade geral (...) seria para nós intolerável. A retidão teria por consequência a náusea e o suicídio” (FW/GC §107).

A arte agora seria a boa “vontade de aparência” (FW/GC §107). Por isso, sem a dicotomia metafísica de mundos, o homem se torna ele mesmo um fenômeno, uma aparência, uma ilusão: “por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (FW/GC §107). Nessa concepção, o homem não retorna ao “seio do ser”, ele não é uma parte de uma unidade primordial e essencial, mas apenas um fenômeno.

Com efeito, parece que, caso Nietzsche não tivesse se deixado levar por “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, as seções 54 e 107 de *A gaia ciência* teriam expressado a mesma tese de *O nascimento da tragédia*. Caso não houvesse tais influências na obra de juventude de Nietzsche, ambos os livros seriam um atestado contra a metafísica.

Enfim, nós talvez já tenhamos informações suficientes para entender e expor o problema do conteúdo filosófico de *O nascimento da tragédia*. Ao que tudo indica, Nietzsche se lamenta por utilizar “fórmulas kantianas e schopenhauerianas” no conteúdo de seu livro de juventude, o qual tinha como escopo a crítica da sabedoria socrático-platônica. Schopenhauer dissera, todavia, ter usado teses kantianas para construir a sua filosofia, acreditando ser Kant um herdeiro direto da filosofia platônica.

Ora, se *O nascimento da tragédia* recebeu influências da filosofia de Schopenhauer, e se Schopenhauer herda por meio de Kant a doutrina platônica da divisão de mundo, então *O Nascimento da tragédia* se torna, mesmo que indiretamente, herdeiro da doutrina metafísica. Eis o problema lamentado por

Nietzsche: *O Nascimento da tragédia* parece denunciar a dualidade metafísica e, no entanto, utiliza-a para fazer tal denúncia.

Ademais, frente a essa desarmonia do conteúdo de *O Nascimento da tragédia*, Nietzsche inclui em suas reprovações, especificamente no §7 de *Tentativa de autocrítica*, a metafísica de artista, conceito central de seu livro de juventude. Essa crítica tem uma entonação própria, porque, se lembrarmos do §5 do mesmo prefácio, nós recordaremos que Nietzsche elogia a metafísica de artista ao invés de reprová-la. Por quê? Por que Nietzsche aprova e reprova, no mesmo texto, a metafísica de artista?

Por um lado, nós vimos que a metafísica de artista é elogiada pelo filósofo alemão por promover uma interpretação estética e não moral da existência. Mas, e agora, por que Nietzsche criticaria o conceito de seu livro de juventude? Qual é o motivo que faz a metafísica de artista ser aprovada e, ao mesmo tempo, reprovada?

No §7, surge a seguinte interrogação: “será que o ódio profundo contra o ‘tempo de agora’, a ‘realidade’ e as ‘ideias modernas’ pode ser levado mais a frente do que ocorreu em vossa metafísica de artista?” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §7). De acordo com Nietzsche, a metafísica de artista promove o ódio contra o “agora”. Inclusive, a metafísica de artista produz uma preferência em “acreditar até no nada, no demônio, a acreditar no ‘agora’” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §7). Por causa da metafísica de artista, torna-se preferível acreditar no vazio, no nada, do que acreditar na “realidade”, no “agora”. Por isso, Nietzsche alerta como a metafísica de artista, ao promover o ódio “contra tudo o que é ‘agora’”, se torna “uma vontade que não está muito longe do niilismo prático” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §7).

Por conseguinte, Nietzsche mostra uma figura de trágico antagônica aos pessimistas metafísicos, que precisam do “consolo metafísico”. E esse novo tipo de homem trágico, ao que o filósofo chama de “totalmente pessimistas”, não recorrerão mais ao auxílio da metafísica para viver: “talvez, em consequência disso, como ridentes mandeis um dia ao diabo toda a ‘consoladora’ metafísica – e a metafísica, em primeiro lugar!” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §7).

Diante disso, a metafísica de artista ganha reprovações por promover o ódio contra as coisas do “agora”, conduzindo o homem mais para uma vontade niilista do que para uma afirmação da vida. Afinal, o “homem completamente pessimista”, o afirmador da vida, não se escora em “bengalas metafísicas”, sob o risco de negar o

“agora” em detrimento do nada. A metafísica de artista, portanto, exerce uma função, em certa medida, contra a vida, negadora da vida, niilista.

Assim sendo, nós podemos notar como *O nascimento da tragédia* possui um desacordo em seu conteúdo, vindo a ser criticado por Nietzsche. Em primeiro lugar, *O nascimento da tragédia* parece herdar uma herança metafísica ao lançar mão de “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, metafísica da qual o livro deveria denunciar e não comungar. Em segundo lugar, e como decorrência dessa indireta “herança metafísica”, o filósofo desaprova a metafísica de artista de seu livro de juventude. Essa noção, segundo Nietzsche, não produz uma afirmação do “agora”, uma afirmação da vida, mas uma rejeição e ódio da realidade, custeando o vazio e o nada. A metafísica deveria ser lançada fora, pois ela desenvolve a vontade de nada, o niilismo.

Contudo, além da suposta herança metafísica presente em *O nascimento da tragédia*, a qual parece ser um dos maiores contra-sensos do livro, Nietzsche não deixa de pontuar outros problemas do conteúdo de seu livro de juventude. Basicamente, o filósofo alemão apresenta duas últimas queixas: a concepção de trágico de Schopenhauer e o problema do romantismo.

No primeiro caso, o trágico para Nietzsche parece se afastar em alto grau da ideia que Schopenhauer tem de trágico, tornando ainda mais lamentável a influência desse filósofo sobre *O nascimento da tragédia*. Enquanto para Schopenhauer o trágico conduz o homem à resignação, para Nietzsche, ao contrário, “quão diversamente falava comigo Dioniso!, quão longe de mim se achava justamente então todo esse resignacionismo!” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6). Pode-se dizer que para Nietzsche, por um lado, o trágico é um sinal da afirmação da vida, enquanto que para Schopenhauer, ao contrário, o trágico é um motor da resignação e negação da vida.

No segundo caso, Nietzsche se queixa pelo romantismo presente em *O Nascimento da tragédia*, indicando um problema de igual ou maior intensidade do que a suposta “herança metafísica”, herdada por Kant e Schopenhauer. O filósofo assevera:

Mas há algo muito pior no livro, que agora lamento ainda mais do que ter obscurecido e estragado com fórmulas schopenhauerianas alguns pressentimentos dionisíacos: a saber, que estraguei de modo absoluto o grandioso problema grego, tal como ele me havia aparecido, pela intromissão (*Einmischung*) das coisas mais modernas! (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, GT/NT tentativa de autocrítica, §6).

O filósofo parece acreditar que houve uma “intromissão das coisas mais modernas” em seu livro de juventude, intromissão que parece ter prejudicado o livro de forma ainda pior do que a presença de “fórmulas schopenhauerianas”. Mas o que seriam essas “coisas mais modernas”?

Entre essas “coisas mais modernas”, a música alemã ganha enfoque, a qual é, para o filósofo alemão, “romantismo de ponta a ponta e a menos grega de todas as formas possíveis de arte” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6). Por isso, a música alemã não é, como explica Nietzsche, um sinal do renascimento e florescimento do “ser alemão”, mas ela é, pelo contrário, o sinal da degeneração, do declínio, o sinal de um “fim próximo!” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6).

Em suma, *O nascimento da tragédia* possui um conteúdo romântico, em muito desaprovado por Nietzsche, o qual diz que a obra deveria “tocar” uma música propriamente dionisíaca, distante do romantismo: “como deveria ser composta uma música que não tivesse mais uma origem romântica, como a música alemã – porém dionisíaca...” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6). Nietzsche parece deixar claro que a “intromissão das coisas mais modernas” em seu livro, como o romantismo, foi tão prejudicial quanto tentar exprimir o dionisíaco com “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, porque o romantismo se afasta, no mais alto grau possível, daquilo que é propriamente grego, trágico, dionisíaco.

Em *A gaia ciência*, Nietzsche vincula arte e filosofia em um mesmo denominador comum: o romantismo. Tanto a filosofia pessimista de Schopenhauer quanto a música alemã de Wagner são romantismo. O filósofo diz: “Vê-se que então compreendi mal, tanto no pessimismo filosófico quanto na música alemã, o que constitui o seu caráter peculiar – o seu romantismo” (FW/GC §370).

Nessa seção 370, de *A gaia ciência*, Nietzsche parece desenvolver várias características sobre o romantismo, o que pode nos auxiliar a entender a reprovação do filósofo. Para Nietzsche, os românticos:

sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura. A dupla necessidade desses últimos responde todo o romantismo nas artes e conhecimentos, a eles responderam e respondem tanto Schopenhauer como Richard Wagner, para mencionar os dois mais famosos e pronunciados românticos que foram então mal compreendidos por mim (FW/GC §370).

Por um lado, o romantismo promove o empobrecimento da vida, o cansaço e, com isso, o cultivo do silêncio, da quietude, da resignação. Nesse primeiro caso de romantismo, o pessimismo filosófico de Schopenhauer parece se encaixar perfeitamente, o que confirmaria a ideia nietzschiana de um romantismo em Schopenhauer. Em *tentativa de autocrítica*, Nietzsche nos lembra que, para Schopenhauer, o trágico conduz à resignação, contrário ao entendimento de Nietzsche sobre o assunto: “quão diversamente falava Dioniso comigo!, quão longe de mim se achava justamente então todo esse resignacionismo!” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6). Pode-se notar como o primeiro tipo de romantismo (que busca silêncio, quietude, mar liso) é idêntico ao resignacionismo da filosofia de Schopenhauer.

Por outro lado, Nietzsche fala como o romantismo também promove a busca pela “embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura” (FW/GC §370). Nesse caso, o romantismo é aproximado com a música de Richard Wagner. A música alemã que Nietzsche comenta em *A tentativa de autocrítica*, claramente a música wagneriana, é tida como “uma destroçadora de nervos de primeira classe” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6).

Portanto, o romantismo parece promover tanto a morbidez quanto o enrijecimento dos nervos, vindo a estar presente em duas grandes influências de *O nascimento da tragédia*, a saber, na filosofia schopenhaueriana e na música wagneriana. De Schopenhauer percebe-se o resignacionismo e toda negação da vida. De Wagner percebe-se toda arte do enrijecimento dos nervos, da irritabilidade e da histeria⁹. Nesse sentido, a música wagneriana, que é propriamente romântica, “enerva, amolece, feminiza, seu ‘eterno-feminino’ atrai – para baixo!” (VM/OS, “Prefácio”, §3).

Não obstante, Nietzsche nos fornece mais características sobre o romantismo, partindo da seguinte questão: “atentar-se a causa da criação é o desejo de fixar, de eternizar, de ser, ou o desejo de destruição, de mudança, do novo, de futuro, de vir a ser” (FW/GC §370). O romantismo teria uma vontade de fixar ou de destruir? O que o moveria?

Para Nietzsche, esses dois motivos (fixar ou destruir) ainda são ambíguos. Por um lado, o anseio por destruição pode ser resultado da energia abundante, que deseja o futuro, o que Nietzsche denomina dionisíaco. Por outro lado, o desejo de destruição

⁹ Para uma análise mais detida do tema da fisiologia da arte e da histeria teatral: (cf. PETRY, 2013).

pode ser expressão do mal favorecido, que se irrita com todo o existente e, com isso, se vinga da vida, destruindo-a (cf. FW/GC §370).

Da mesma forma, o desejo de eternizar merece uma dupla interpretação. Por um lado, o desejo de fixar pode ser o resultado da gratidão e amor para com a vida. Por outro lado, a vontade de eternizar pode ser a expressão de um grave sofredor, que gostaria de dar aos outros o seu sofrimento, imprimindo a sua dor e a eternizando como forma de vingança de seu próprio sofrimento (cf. FW/GC §370).

Dessa descrição que Nietzsche faz dos tipos de criações e suas motivações, tanto para destruir quanto para eternizar, o romantismo figura o último caso. O romantismo destrói por causa da carência e do empobrecimento de vida, vingando-se daquilo que lhe causa dor e, assim, destruindo a vida. O romantismo eterniza porque deseja imprimir aquilo que lhe é próprio, isto é, o sofrimento. Nesses dois últimos casos “é o pessimismo romântico em sua mais expressiva forma, seja como filosofia schopenhaueriana da vontade, seja como música wagneriana” (FW/GC §370).

De semelhante modo, no prefácio de *Humano, demasiado humano* (livro I), também do ano de 1886, Nietzsche diz que se deixou enganar pelo romantismo de Richard Wagner: “que me enganei quanto ao incurável romantismo de Richard Wagner, como se ele fosse um início e não um fim” (MA I/HH I, “Prefácio”, §1).

Em contrapartida, essa “intromissão” do romantismo no pensamento do filósofo não parece ser perpétua. Como início da “cura” de Nietzsche de toda música wagneriana, propriamente romântica, “comecei por me proibir, radicalmente e por princípio, toda música romântica, essa arte ambígua, sufocante, fanfarrona (...)” (VM/OS, “Prefácio”, §3).

Após perceber a “intromissão das coisas mais modernas”, o qual o romantismo é parte central, Nietzsche empreende um processo de afastamento do romantismo: “tomei, não sem alguma raiva, partido contra mim e a favor de tudo o que precisamente me feria e me era penoso: desse modo achei novamente o caminho para o valente pessimismo que é o oposto de toda mendacidade romântica” (VM/OS prefácio, §4).

Contudo, tendo Nietzsche se afastado do romantismo, será que poderíamos dizer, com segurança, que *O nascimento da tragédia* é romântico? Se o romantismo é a arte da morbidez e da loucura, assim definida por Nietzsche em *A gaia ciência*, seria adequado classificar *O Nascimento da tragédia* como romantismo? Sobre isso, Nietzsche parece não titubear: “Mas, meu caro senhor, o que é romântico no mundo,

se o vosso livro não é romântico?” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §7). Logo, mesmo que o romantismo seja a arte da morbidez e da loucura, o filósofo alemão parece considerar *O nascimento da tragédia* romântico.

Finalmente, Nietzsche parece ter, como ele mesmo afirma, se precipitado em acreditar nas “coisas mais modernas”, as quais interferiram decisivamente no conteúdo de *O nascimento da tragédia*. Para Nietzsche, a sua “obra das primícias” sofreu duas grandes influências que, a rigor, são antagônicas às intenções do livro. De um lado, as “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, que contribuíram para uma possível “herança metafísica”. De outro lado, o romantismo, que é considerado pelo filósofo como a arte mais antidionisíaca.

Assim, 14 anos depois, Nietzsche acredita ter estragado o seu primeiro livro com a crença nas coisas modernas: “A parte, está claro, de todas as esperanças apressadas e de todas as aplicações errôneas às coisas do presente, com as quais estraguei o meu primeiro livro” (GT/NT, “Tentativa de autocrítica”, §6). Em *A gaia ciência*, Nietzsche também admite o seu vínculo equivocado com o “mundo moderno”: “Talvez seja lembrado ao menos entre meus amigos, que de início me lancei sobre esse mundo moderno com alguns grossos erros e superestimações, e em todo caso com esperanças” (FW/GC §370). Nietzsche acredita ter superestimado as ideias modernas, caindo em falsas esperanças e “aplicações errôneas” de tais ideias. Disso resultam os problemas no conteúdo e no estilo de *O nascimento da tragédia*.

Considerações finais

Pois bem, *O Nascimento da tragédia* parece assumir, na leitura do Nietzsche de 1886, um caráter ambíguo. Essa percepção do filósofo sobre o seu livro de juventude resulta em críticas, pois a obra desagradou o seu autor em vários aspectos, e em elogios, porque o livro começa um projeto filosófico contra a interpretação moral da existência, que irá se prolongar até os últimos livros do filósofo. Disso podemos notar as primeiras características ambíguas de *O nascimento da tragédia*.

Por um lado, o livro possui, na leitura tardia de Nietzsche, um estilo ambíguo. O livro apresenta uma postura de profunda suspeita dos valores vigentes, formatando as ideias em uma posição crítica à metafísica, mas, ao mesmo tempo, lança mão de uma forma de expressão socrático-racional. *O nascimento da tragédia* teria um estilo anti-metafísico, mas ainda cairia em um racionalismo científico. Qual o sentido de criticar a metafísica por meio de uma linguagem racional?

Por outro lado, o conteúdo também parece apresentar ambiguidades. O *nascimento da tragédia* critica a sabedoria socrático-platônica em prol da sabedoria trágica. Ainda que o livro seja “obstinadamente autônomo e independente”, pois o trágico schopenhaueriano não é o mesmo apresentado em seu livro e o envolvimento com Wagner tinha mais haver com o próprio filósofo do que com o músico, Nietzsche diz ter depositado uma confiança errônea nas “coisas mais modernas”.

Logo, o conteúdo de *O nascimento da tragédia* também parece ser ambíguo, pois apresenta uma metafísica que privilegia o vir-a-ser, mais próximo do conteúdo dionisíaco, mas se envolve com “as coisas mais modernas”, como o romantismo ou as “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, as quais são herdeiras da metafísica platônica. Ou seja, ainda que o vir-a-ser seja apresentado no livro de juventude de Nietzsche, desmoralizando a existência em prol de valores estéticos, o livro parece continuar, de certa maneira, aquela tradição metafísica iniciada por Sócrates, conferindo uma ambiguidade ao conteúdo do livro.

Em suma, *O nascimento da tragédia* possui um estilo anti-metafísico, mas racional, o que gera uma ambiguidade. O seu conteúdo se projeta para além da interpretação moral da existência, se afastando de Wagner e Schopenhauer, mas é continuador da tradição metafísica, sobretudo por usar “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”. Sem contar que, ao mesmo tempo que a metafísica de artista auxilia na desmoralização do vir-a-ser, ela também é caracterizada como niilista, pois gera no homem um ódio ao “tempo de agora”. Portanto, a leitura do Nietzsche tardio sobre o seu livro de juventude é, a nosso ver, uma leitura que apresenta um livro ambíguo.

Finalmente, nós entendemos que Nietzsche termina de maneira proposital o seu prefácio, *A tentativa de autocrítica*, com uma passagem de *Assim falava Zaratustra* (cf. MACHADO, 2001, p. 18-19). E isso por causa de dois motivos básicos: o estilo de *Assim falava Zaratustra* não é mais aquele com proposições lógico-formais, mas é canto, poesia. Isso seria, a nosso ver, redimir o estilo de *O nascimento da tragédia*, o qual “falava” ao invés de “cantar”. De igual forma, em *Assim falava Zaratustra*, o conteúdo de *O nascimento da tragédia* também parece ser redimido, pois a obra não prolonga mais a metafísica com “fórmulas kantianas e schopenhauerianas”, pelo contrário, apresenta a vontade de potência, maior expressão do vir-a-ser. Portanto, *Assim falava Zaratustra* é dotado de um estilo e conteúdo propriamente dionisíaco, diferente de *O nascimento da tragédia*, que é ambíguo.

Bibliografia

- ANTUNES, Jair. "Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do trágico". In: *Revista Trágica*, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 1, 2º semestre de 2008. p. 53-70.
- BARBUY, Belkis Silveira. *Nietzsche e o Cristianismo*. São Paulo: GRD, 2005.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.
- BURNETT, Henry. "Humano, demasiado humano, livro 1: Nice, primavera de 1886". In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 8, 2000. p. 55-88.
- _____. *Cinco prefácios para livros escritos*. Belo Horizonte: Tessitura, 2008.
- DIAS, Rosa Maria. "A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em *O Nascimento da tragédia*". In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 3, 1997. p. 07-21.
- LIMA, Márcio José Silveira. *As Máscaras de Dioniso: filosofia e tragédia em Nietzsche*. São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Unijuí, 2006.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAGNUS, Bernd. *Nietzsches äternalistischer Gegenmythos*. In: Jörg Salaguarda (Org.). *Nietzsche*. Darmstadt: Wissenschaftlich Buchgesellschaft, 1996.
- MAZIA, Victor Hugo. "Schelling, Nietzsche e a arte trágica: afinidades entre filosofias afirmativas". In: *Griot*, Amargosa, n. 2, vol. 12, dezembro de 2015. p. 295-304.
- NIETZSCHE, F.W. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe: auf der Grundlage der Kritischen Gesamtausgabe Werke*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1967ff. (herausgegeben von Paolo D'Iorio): <
<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>> acesso em: 27/09/2017.
- _____. *O Nascimento da tragédia: ou helenismo e pessemismo*. Tradução: Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- _____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres I*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres II*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PETRY, Isadora. “Nietzsche e o problema da arte da *décadence*: histeria e teatralidade. In: *Revista Trágica*, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 6, 2º semestre de 2013. p. 71-84.
- SIMON, Josef. “Die Krise des Wahrheitsbegriffs als Krise der Metaphysik”. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, n.18, 1989. p. 242-259.
- TELLES, Luiz Cláudio Moniz de Aragão. *Mito e Música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras, 2007.
- VIESENTEINER, Jorge. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*. Campinas: PHI, 2012.

Recebido em 27.09.2017.

Aceito para publicação em 22.10.2017

© 2017 Victor Hugo Mazia. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).